



A BELEZA ARTÍSTICA

A IMPOSSÍVEL DEFINIÇÃO INDISPENSÁVEL

Marc-Mathieu Münch



Editora
Mackenzie

A BELEZA ARTÍSTICA:
A IMPOSSÍVEL DEFINIÇÃO INDISPENSÁVEL

Coleção Letras Mackenzie, 10

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

Editora Mackenzie

Coordenador: Roberto Borges Kerr

Conselho Editorial

Carlos Guilherme Santos Seroa da Mota

Elizeu Coutinho de Macedo

Helena Bonito Pereira

João Baptista Borges Pereira

Jônatas Abdias de Macedo

José Francisco Siqueira Neto

José Paulo Fernandes Júnior

Karl Heinz Kienitz

Luciano Silva

Marcel Mendes

Vladimir Fernandes Maciel

Coleção Letras Mackenzie

Diretora: Helena Bonito Pereira

A BELEZA ARTÍSTICA:
A IMPOSSÍVEL DEFINIÇÃO INDISPENSÁVEL

Prólogo para uma arteologia futura

Marc-Mathieu Münch

Tradução Helena Bonito Pereira

Copyright © 2014 por Marc-Mathieu Münch

Copyright da tradução 2019 por Editora Mackenzie

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Título original: La Beauté artistique: L'impossible définition indispensable: Prologomènes pour une "artologie" future

Publicado de acordo com o editor original, Honoré Champion Paris

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M963b Münch, Marc-Mathieu.

A beleza artística : a impossível definição indispensável : prólogo para uma artologia futura / Marc-Mathieu Münch ; tradução Helena Bonito Pereira. – São Paulo : Editora Mackenzie, 2019.
184 p. ; 21 cm. – (Coleção Letras Mackenzie ; 10).

Tradução de: La beauté artistique: l'impossible définition indispensable: prologomènes pour une "artologie" future.
Inclui referências bibliográficas e índice.
ISBN 978-85-8293-839-3

1. Literatura - Estética. 2. Arte - Filosofia. 3. Literatura comparada. 4. Estética. 5. Teoria literária. I. Pereira, Helena Bonito, tradutora. II. Título. III. Série.

CDD 801

Bibliotecária responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva – CRB 8/8925

Editora afiliada:


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	17
O enfoque da filosofia ocidental	25
A contribuição das ciências humanas	67
Claude Lévi-Strauss e as artes	103
A definição possível	115
Referências	169
Referências feito de vida	177
Índice	179
Sobre a tradutora	183

INTRODUÇÃO

*Essa palavra beleza, tão difícil de definir, apesar de
todas as evidências dos sentidos e dos olhos.*

Marguerite Yourcenar

Em matéria de arte, o mundo vive uma grave contradição, esforçando-se por não a ver, mas que se impõe assim que é aberto um debate sério.

Por um lado, de fato, o ser humano coloca espontaneamente suas ações artísticas sobre a intuição de que a arte é uma ocupação autônoma, que exige um tipo específico de prazer, de beleza. Por outro lado, desde que o homem tenta definir as noções de arte e de beleza, ele encontra-se diante de um abismo que o faz recuar. Em 2010, um professor titular da cátedra de *Criação Artística* do Collège de France (KIEFER, 2010) começava seu curso dizendo, basicamente, que a arte não poderia ser definida, que ela nunca estava onde se esperava, que lá onde estava não poderia ser alcançada e, por essa razão, ele falaria da obra própria. Ele o fez de modo brilhante e satisfez seus ouvintes, que nunca haviam se perguntado por que é necessária no mundo uma “palavra” para dizer uma “coisa” que não se define, embora ela exista, já que cada um pretende possuir dela uma experiência viva.

As ações que provam a especificidade da arte são numerosas e cotidianas. Há artistas, ofícios de arte, escolas de arte, locais prestigiados para expor obras ou para representá-las e bibliotecas inteiras para contar sua história e explorar seu contexto. Há circuitos econômicos que vivem exclusivamente da arte, especuladores que com ela enriquecem, periódicos que

as divulgam, jornalistas que entrevistam seus criadores. Pela arte, há subvenções, residências e até ministérios acompanhados por pessoas competentes que “ajudam a decidir”. Pela arte, há carreiras prestigiadas, celebridades mundiais e, enfim, glórias que vêm de tempos remotos. No que se refere aos tempos antigos, também havia artistas, encomendas, circuitos e contextos na época das pirâmides, dos guerreiros da eternidade ou do teatro da antiga Índia. E se a gruta Chauvet não nos conta como era a época em que foram pintadas suas paredes, é mais provável que essa arte tenha sido específica em relação às atividades cotidianas de sobrevivência que o contrário!

Entretanto, são numerosas as afirmações semelhantes às do nosso professor do Collège de France. Elas encarnam um consenso atual: ele afirma que, como todas as definições que foram dadas até o presente se contradizem, é melhor entregar os pontos e fechar os olhos diante do fato perturbador de que a não existência da arte enquanto tal, entre os seres humanos, ainda não foi demonstrada. O grande historiador da arte Ernst Gombrich (1999, p. 15) sintetiza perfeitamente esse consenso no prefácio de sua célebre *História da arte*: “Nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. Existem somente artistas”.

A contradição permanece e encontra-se intacta no que se refere à beleza. O que ela prova? Somente que a pesquisa não está concluída, pois o espírito humano nunca se detém

quando se trata de conhecimento. Para saber se não há mesmo solução para a questão da definição da beleza artística, proponho, primeiramente, fazer um balanço do enfoque da filosofia ocidental e, depois, um estudo sobre a contribuição das ciências humanas. Esse balanço e estudo demonstrarão que os próprios filósofos chegam a duvidar da capacidade de sua disciplina em definir a arte e sua beleza e que as ciências humanas existentes também não são bem-sucedidas, pois nem mesmo chegam a deixar suas diferentes disciplinas, que se aplicam à arte, sem se preocupar com sua eventual natureza. Chegarei à conclusão de que está na hora de fundar, para as artes, uma nova ciência humana, uma “artelogia”, repousando sobre a hipótese de trabalho de que a arte fala de tudo e para todos os seres humanos. Não se trata de negar que todas as ciências humanas existentes devam intervir para um bom conhecimento das artes, mas de afirmar que elas estão mal posicionadas para definir o núcleo artístico.

Sendo assim, proponho-me a criar essa ciência com documentação e método novos. Farei isso apoiando-me em uma segunda hipótese de trabalho, que não escandalizará ninguém, pois está frequentemente presente no espírito de todos os que vivem por e para a arte, hipótese que pode ser assim formulada: a arte é um fenômeno humano interativo, ligando um criador, um objeto e um receptor, tendo em vista uma

finalidade específica. O papel da “artelogia” é tentar definir essa finalidade, bem como as leis, caso existam, de funcionamento do fenômeno arte. Faz parte da dignidade do pesquisador explorar terras desconhecidas de modo a demonstrar que elas não escondam nada de novo e, após um fracasso eventual, de recomeçar em outro lugar. Assim caminha a ciência.

SOBRE A TRADUTORA

Helena Bonito Pereira

Doutora em Letras Modernas pela Universidade de São Paulo (USP), docente e pesquisadora na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora visitante na Università degli Studi di Perugia (Itália), Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), Universidad Católica Sedes Sapientiae (Peru) e Universidade da Califórnia em Riverside (Estados Unidos). Coordena o grupo “Literatura no contexto pós-moderno” (Diretório de Grupos-CNPq). Publicou dezenas de livros como autora, coautora ou organizadora, entre os quais destaca a coletânea *Ficção brasileira no século XXI* (Editora Mackenzie), atualmente com cinco volumes.

A história da reflexão sobre a beleza artística revela duas postulações opostas e sucessivas. A primeira afirmava que a beleza era um valor absoluto, obediente a regras imutáveis e definidas por critérios de qualidade a partir dos quais se formulava o julgamento crítico.

Todavia, essa postulação absolutista não pôde se sustentar quando a documentação, cada vez mais rica, proveniente de eras e culturas distantes, mostrou que obras obedientes a critérios diferentes suscitavam possibilidades idênticas de apreciação, ou seja, surgiu uma posição relativista. Como ultrapassá-la?

Na verdade, ambas são insuficientes, pois a primeira quer, no fundo, aceitar apenas um estilo ou gosto; a segunda admite a pluralidade, porém conduz à ideia de que tudo pode ser aceito. Não se pode comprovar nem uma nem a outra.

Esta pesquisa constrói a dialética do plural do belo e do singular da arte, por meio da descoberta, nas artes poéticas do mundo todo, da invariante do efeito de vida. Essa postulação teórica demonstra como um pequeno número de condições indispensáveis pode impulsionar a arte em direção ao plural do belo.

Rogério Lima

Professor Associado da Universidade de Brasília (UnB)
Presidente da Associação Brasileira de Literatura
Comparada (Abralic) - biênio 2018-2019